

**9º UNICULT****ÀS MARGENS DO CAMINHO DO CAIS****Autor(es)**

EDUARDO DE PAULA NASCIMENTO

Desenvolvimento

"A realidade da morte nos desperta para a vida" (Sancho Pança)

Mumbai, 1770

Olhei ao redor e vi a fome e a morte a caminharem lentamente, uma à frente da outra, por entre os moribundos deitados às margens do estreito caminho que leva ao cais. Um quase imperceptível inflar dos abdomens esqueléticos era a sutil diferença entre os mortos e os prestes a morrer.

Uma mulher abriu os olhos. Não devia tê-los aberto. Fitei-os. Não devia tê-los fitado. Estava recostada às tábuas de um cômodo qualquer. Ao seu lado, um embrulho de panos por dentre os quais pude ver os pezinhos morenos do filho morto. Desviei o olhar rapidamente, como fingisse nada ter visto e deparei-me novamente com o olhar da mulher. Não havia raiva neles, ou culpa, ou remorso. Havia simplesmente a súplica por um fim. Fitou-me longamente e expirou. Já havia caminhado por ali a fome. Agora era a morte que ali passava, ao meu lado, a pilhar a alma da mulher à beira do caminho que leva ao cais. Não devia tê-la fitado.

Quem seriam todas aquelas pessoas à beira do agourento caminho? Crianças e idosos cadavéricos, jovens agonizantes, quem seriam? Quem seria aquela pobre indiana e o que seria, um dia, seu filho se tivesse o privilégio de viver? Perguntas cujas respostas eram ainda incompreensíveis para minha pequena mente de apenas dez anos.

– Ande depressa e olhe para frente. – ordenou meu pai, arrastando-me pela mão e tentando proteger-me do sofrimento impregnado no caminho do cais.

Atendi meu pai. Não por mera obediência, mas por não querer encarar novamente a morte de tão perto. Quis fugir do olhar daquelas pessoas. Quis deixar a morte para traz.

Olhei para o horizonte e pude avistar os mastros dos navios, cujas brancas velas contrastavam com o mar cinzento. Cheguei a escrever nessas minhas memórias que o mar era púrpuro, como se o sangue dos mortos o tivesse tingido. Talvez a imagem fosse mais bela ao leitor. Contudo, já não havia sangue para tingir sequer uma pequena poça. Porquanto, que fique mesmo assim a imagem.

O mar, Ah! O mar. Única esperança para milhares de famintos indianos que certamente venderiam a pátria por uma libra de pães secos. Esperança também de meu pai que acelerou a marcha quando avistou os navios. Quiçá se apressasse para tomar distância da fome e a morte. Tive que correr para acompanhar seus largos passos. Carregava em seus braços minha pequena irmã Damini que dormia recostada em seu ombro, não se importando com os solavancos causados pela caminhada apressada.

Chegamos ao porto e fomos direto ao pequeno navio mercante, carregado de chá, ali atracado. Alguns homens soltavam as amarras, liberando o barco para a partida.

– Depressa! – gritou meu tio, de dentro da embarcação.

Meu pai aproximou-se o quanto pôde, estendendo as mãos como fosse entregar-lhe Damini.

– Não! A menina não. Se resistir à viagem não resistirá às ruas de Londres. – disse meu tio. – Só o menino, ele tem mais chances.

Meu pai recolheu os braços e Damini recostou-se ainda sonolenta em seu peito. Ele nada disse. Ficou estático, catatônico por alguns instantes, como se quisesse dar as costas ao mar e voltar para a fazenda recentemente confiscada pela Companhia Inglesa das Índias Orientais e voltar tranquilamente para sua vida de subsistência, da mesma forma que viveram seus pais e avós.

– Decida! – gritou meu tio, assim que o barco começou a afastar-se do cais.

Ele colocou Damini no chão e ajoelhou-se à minha frente. Sisudo, olhou-me nos olhos e deu-me uma bofetada.

– A dor é para que jamais se esqueça de quem você realmente é.

Abraçou-me e logo depois ergueu-me com as duas mãos lançando-me dentro do barco que já distava alguns metros do cais. Pegou Damini novamente no colo e fitou-me dentro do barco. Ao contrário da mulher à beira do caminho do cais, não havia súplica nos olhos de meu pai, mas sim um lampejo de felicidade resplandecendo entremeio a uma tempestade de preocupações. – Adeus, Amit. – gritava Damini, enquanto acenava para mim. Retribuí silenciosamente ao aceno, repleto de dúvidas e de um medo sentido no estômago. Ao afastar do barco, avistei novamente a fome e a morte a caminhar lentamente, uma à frente da outra, na direção de Damini e de meu pai e compreendi quem eram aquelas pessoas às margens do agourento caminho do cais.

Londres, 1779

De como descii entremeio à carga de chá daquele navio cargueiro e sobrevivi até os dias de hoje, são pormenores demais para serem descritos em tão curto relato. Atenho-me a dizer que a realidade da morte nos desperta para a vida e foi esquivando-me dela que sobrevivi à viagem da Índia até a Inglaterra.

Contudo, cabe relatar que o mesmo motivo que me fez partir de minha terra natal, fez-me ser acolhido na Grande Ilha.

O fato é que a fome que assolou a Índia entre 1769 a 1773, causada pela exigência de que os fazendeiros chineses trabalhassem por remuneração irrisória, matou mais de dez milhões de pessoas. A Companhia Inglesa das Índias Orientais, responsável pela administração das colônias do oriente, foi popularmente responsabilizada pelo genocídio e, por conseguinte, o povo inglês imbuu-se de um sentimento coletivo de culpa pela atrocidade.

Não é difícil concluir que uma pequena criança indiana a perambular pelas gélidas ruas londrinas seria logo acolhida por alguma família de imensuráveis caridade e peso de consciência.

Wellesley era o sobrenome da família que me deu acolhida, lar, educação e uma vida invejável. Lorde Wellesley era um burguês ascendente, proprietário de uma moderna tecelagem às margens do Thames. Sua fábrica era a única, até então, provida da tecnologia que combinava motores a vapor e outros movidos a energia hidráulica, permitindo a instalação de várias fiandeiras automáticas spinning mules, além de numerosos teares mecânicos que substituíam 200 tecelões cada um.

Lorde Wellesley, o então aclamado pela alta sociedade londrina como o motor da revolução industrial, transformou-se em meu pai inglês e, de certa forma, foi uma troca justa: Se por um lado eu aliviava-lhe a consciência, em contrapartida, ele dispunha de seu prestígio para ingressar-me nos melhores colégios britânicos. Presenteou-me com a cidadania inglesa quando completei 18 anos, título comprado a peso de fartas libras esterlinas e inúmeros favores reivindicados.

As spinning mules acumulavam dia após dia riquezas aos cofres dos Wellesley. Todavia, deixava camuflado sob o manto da modernidade, milhares de artesãos desempregados aos arredores das cidades que outrora foram pólos de produção artesanal.

Logo após revolta dos artesãos de Lancashire em 1779, que destruíram fábricas lá instaladas, convenci Lorde Wellesley a recrutar mão de obra na colônia, interferindo politicamente junto à Companhia das Índias Orientais.

A bofetada de meu pai enfim surtira efeito. A brilhante sugestão amenizaria, enfim, o sofrimento imposto ao meu povo. Pela décima parte do salário que um insatisfeito proletário inglês recebia, um indiano sustentaria tranquilamente uma família com 10 pessoas.

O problema em se ter boas idéias, é ter que executá-las. Lorde Wellesley convenceu a Companhia, ou comprou os que decidiam, isso não importa. Importa que colocou-me à frente do lucrativo negócio de arrematar imigrantes e colocá-los nas fábricas.

A exorbitância dos lucros, devido ao barateamento da mão de obra, chegava até mesmo a surpreender o Lorde. Somente o império Wellesley exportou 800 mil libras esterlinas em tecido de algodão em 1790.

Entretanto, a receita do sucesso dos Wellesley, encabeçado pelo seu filho indiano naturalizado inglês, incentivou concorrentes a tomarem o mesmo rumo e a imigração foi tão intensa que em 1800, Londres transformou-se na maior cidade do mundo com um milhão de habitantes.

Às margens do caminho do cais

Máquinas a vapor, teares mecânicos, modernidade... miséria. Uma crise sem precedentes instalou-se na moderna Londres de 1800. Uma multidão de Ingleses e imigrantes desempregados enchia as ruas de Londres. O sentimento de culpa que outrora pesava sobre as costas dos bretões, fora substituído pela incômoda sensação de fome.

Um despacho da família real chegou diretamente às mãos de Lorde Wellesley. Ele ordenou que eu arrumasse as malas, pois partiria em viagem.

A grossa camada de neve era penosamente rompida pelos corcéis que puxavam a carruagem, o que pareceu alongar o curto caminho entre a casa da família Wellesley e o cais.

Olhei ao redor e pude ver a fome e a morte a caminharem lentamente, uma à frente da outra, por entre os moribundos recostados às paredes da suntuosa sede da Companhia Inglesa das Índias Orientais. Dividiam, entre si, um puído cobertor de algodão. Pude enxergar o brasão da tecelagem Wellesley no canto de um daqueles pequenos cobertores. Pude enxergar minha falsa caridade representada naquele brasão.

Um quase imperceptível exalar de vapor de suas narinas era a sutil diferença entre os mortos e os prestes a morrer.

Uma mulher, com trajes camponeses tipicamente britânicos, abriu os olhos. Não devia tê-los aberto. Fitei-os. Não devia tê-los fitado.

Ao seu lado, um embrulho de panos por dentre os quais pude ver os pezinhos brancos do filho morto. Desviei o olhar rapidamente e deparei-me novamente com o olhar da mulher. Havia raiva naqueles olhos pois sabia que era eu o indiano naturalizado inglês responsável pela miséria de sua família e pela morte de seu pequeno filho. Fitou-me longamente e expirou. Já havia caminhado por ali a fome e o frio. Agora era a morte que ali passava, novamente ao meu lado, a pilhar a alma da mulher às margens do caminho que leva ao cais de Londres. Não devia tê-la fitado.

Quem seria aquela pobre inglesa e o que seria, um dia, seu filho se tivesse o privilégio de viver? Perguntas cujas respostas eram ainda incompreensíveis para minha confusa mente de 30 anos. Porém eu sabia por que estavam ali todas aquelas pessoas.

Chegamos à beira do navio que estava a partir para Mumbai. Meu pai inglês estacou-se à minha frente. Sisudo, olhou em meus olhos e deu-me uma bofetada.

– Para que não se esqueças da pátria que o criou.

Ordenou que eu embarcasse e que jamais retornasse às terras inglesas.

Acabo de avistar os mastros dos navios atracados no porto de Mumbai. Pátria? Qual será minha verdadeira pátria? Àquela que devo minhas origens ou a que me recebeu de braços abertos quando de minha indigência? Não importa, a ambas não pertença. Menos ainda as mereço.

Debruço-me agora às bordas do convés. Jogar-me, apenas, talvez não seja suficiente, podem resgatar-me. O disparo na frente será minha garantia de cair desfalecido no mar antes de atracarmos.

Antes de puxar o gatilho, imagino que talvez os que estiverem às margens do caminho do cais digam que as águas eram púrpuras ao meu redor. Ao menos será uma bela imagem a ser narrada.